**Os mortos não fazem amigos**

Em 1981, minha turma do curso de magistério participou do Movimento Brasileiro de Alfabetização. Nossa participação consistia em sair em equipes por determinadas regiões da cidade para levantar o nível de escolaridade dos moradores adultos.

A minha equipe era formada por mim, Amara e Helen. Foi um trabalho bem divertido, pois em algumas casas fomos bem recebidas com direito até a um cafezinho.

Em um daqueles caminhos, deparamo-nos com uma casinha que mais parecia saída de um conto de fadas. O quintal era muito limpo, a casa era toda ladeada de beijos de diversas cores. Embaixo de uma goiabeira encontrava-se uma vassoura confeccionada de galhos de árvore. A casa tinha uma varandinha com o assoalho brilhando de cera vermelhão. Na janela lateral esquerda, havia um aparador de madeira e sobre ele uma bacia de alumínio cheia de louças limpas que reluziam ao sol. A casa tinha duas janelas na frente, onde cortinas de crochê completamente alvas balançavam com a brisa suave da primavera.

Da chaminé saia fumaça, era sinal que seus moradores estavam por perto. Batemos palmas e aguardamos, ficamos ali paradas, não tínhamos coragem de avançar nem tampouco recuar. A sensação causada por aquela visão de paz e quietude era realmente deslumbrante. De repente, uma senhorinha veio dos fundos da casa enxugando as mãos no avental. Ela nos sorriu e perguntou o que queríamos.

Apresentamo-nos e perguntamos o seu nome: “Alice”, respondeu. Falamos de nosso trabalho. Ela achou interessante e nos convidou a entrar. Ficamos encantadas com a limpeza da casa. Na sala tinha um jogo de sofá bem simples com almofadas, tapete e toalhinha da mesinha de centro, tudo em crochê que combinavam com as cortinas. Era tudo muito limpo e o cheirinho de cera estava no ar.

O quarto estava com a porta entreaberta e vimos os pés de alguém na cama. Perguntamos se não estávamos atrapalhando o descanso da pessoa que lá se encontrava. Ela, então, nos disse que se tratava de seu marido com derrame há uns três anos e que ele estava acordado.

Começamos com aquelas perguntas de praxe: qual sua idade? “62”, respondeu prontamente. Porém aparentava muito mais. Disse também ser mais nova que seu marido uns dois ou três anos. Que ali também morava seu filho caçula com 19 anos, mas que naquele momento ele trabalhava no carvão. Os outros eram casados e moravam longe.

Perguntamos se seu filho ainda estudava. Ela nos disse que igualmente ao seu marido, só havia estudado até a 4ª série do primário e não quis mais ir à escola. Então perguntei até que série ela havia estudado, “Nunca fui pra escola, no sítio não precisava.”, sua voz era triste.

Uma das meninas perguntou se ela tinha o interesse de participar do MOBRAL. Ela fez uma pausa, respirou fundo, enrolou as pontas do avental e disse: "Acho que não devo mais pensar nessas coisas, agora só posso cuidar do Zé, ele mais parece morto e, morta, também tô!"

Compadecida com aquela situação coloquei minhas mãos sobre as dela e as apertei, quis mostrar-lhe que ela ainda estava viva, pois, os mortos não fazem amigos.

Ficamos ali sem saber o que dizer, mas, dona Alice aliviou nosso fardo e nos convidou a conhecer seu marido. Disse ela ao entrar no quarto: "Olhe Zé! cê tem visita. As meninas são da escola da Iza Maria" (diretora do colégio).

Seu Zé era um homem forte, pele esticada e rosada. Usava camiseta bem branquinha e tinha vestígio de talco em seu pescoço, sinal de que era bem cuidado. Uma das meninas cumprimentou-o e ele ficou agitado. Saí do quarto, as meninas vieram atrás. Naquele momento, nosso trabalho ali não tinha mais sentido. Despedimo-nos de dona Alice e fomos embora em silêncio, envolvidas em nossos próprios pensamentos.

**Léa Mattar Leister - 19/09/2010**